

JORNAL: O GLOBO LOCAL: GUANABARA

DATA: 1 13 1972 AUTOR: HAMILCAR DE GARCIA

TÍTULO: GOSTO DE AZUL

ASSUNTO:

duplicate
QUESTÃO DE PALAVRAS

Hamílcar de Garcia



GOSTO DE AZUL

O pintor Ivã Serpa obteve na própria boca a surpreendente confirmação de que Kandinski tinha razão: a cor azul tem um gosto especial. "Pensei tanto no azul — declarou o pintor tijuicano, agora famoso e faturando uma média de 10 mil por quadro — que tive na boca uma sensação pastosa, algo como dentifício." Há uma pasta de dentes cujo "sabor de loucura" é apregoado em anúncios...

Mas o caso é que muda o homem e mudam as cores. Os gregos diziam "as cinco cores do arco-íris", hoje sete. Os nossos índios não iam além de três cores, mas tinham cinco palavras para dizer azul: suki (azul simples), sukira (azul-celeste), sukira cerane (azulado), sukira-eté (muito azul) e sukirana (bem azul). Camões, no canto III, est. 53, fala em "azuis esclarecidos" com o sentido de ilustres. Nobre, ilustre é o sangue azul, expressão que começou na língua e psicologia espanholas e depois correu mundo. Mas sangue e leite são em castelhano palavras místicas, ambas dramaticamente usadas no feminino: "por la sangre te lo juro!"

Franceses e ingleses tiram o seu azul do germânico "blau", que vem de um radical prosaico "bliwan", com a significação de dar pancada e alusão à marca azulada deixada no corpo por um golpe. É o que os espanhóis chamam "cardenal", tirado de "cárdeno" (azul violáceo) e este do latim "cardinus".

Já o nosso azul português e brasileiro vem do persa "lasward", que vem do sânscrito e partiu da cor da lazulita ou lápis-lazúli, um mineral de cor azul, que, em Minas Gerais, na chapada Diamantina, é seguro indício de haver diamante por perto.

Mas também tivemos "blau", que é o azul heráldico, representado nas gravuras por traços horizontais, e que não nos veio diretamente do alemão "blau" mas do francônio "blao", talvez por via provençal.

Como a linguagem, apesar de todas as suas complicações, não usa mais que uma dúzia de metáforas para precisar as idéias, o azul, gritantemente derramado no céu e no mar, fez uma longa carreira de expressões. Assim, o inglês "blue" já foi de tudo: quis dizer "rigidamente moral", de onde as "blue laws", significou indecente: piadas azuis, "o ar estava azul de palavras". Nos Estados Unidos, com o negro, passou a significar melancolia e instalou-se no jazz com os blues. E hoje há os "blue movies", filmes pornográficos de

procedência dinamarquesa, como Hamlet. Já o alemão diz "blau reden", isto é, "mentir" e, popularmente, "blau sein" (estar azul) é estar de pileque.

Em francês, hoje, "cordon bleu" é um grande cozinheiro, como o nosso Miguel de Carvalho, o magnífico. Mas foi primeiramente o distintivo na nobre ordem de cavalaria do Espírito Santo, de onde, por ironia, passou para o avental azul dos ajudantes de cozinha. A fita "fita azul", a "blue ribbon" dos britânicos foi emblema da ordem da Jarreteira e, modernamente, símbolo dos transatlânticos de grande velocidade, bem como indicativo de coisa de qualidade, como por exemplo, o "blue ribbon jury", corpo de jurados de excepcional inteligência chamado em casos de grande complexidade.

Ainda pelo francês, "bas bleu" significa literata ridícula, e por sinal vem do inglês "bluestocking", alusão às meias azuis de um tal Stillingfleet, frequentador de um salão londrino de escritoras tomadoras de chá, cujas pretensões foram gozadas por Barbey D'Aurevilly, que escreveu um livro mordaz sobre **As Meias Azuis**.

Mas o mais famoso azul da França foi o Barba Azul, o famoso Chevalier Raoul, que degolava as suas mulheres, foi imortalizado por Perrault e parece ter sido um feio conde bretão do século XV, um certo Giles de Rais ou Comorre, o Maldito, ainda hoje lembrado, indiretamente, pelos belos afrescos da capela de Santa Trifina, que foi sua mulher e teve o pescoço cortado por ter andado mexendo na fechadura de uma porta que o conde mantinha fechada.

Ivã Serpa, que agora sentiu pela primeira vez o sabor da cor azul, e que espera um dia conhecer o gosto do verde e do vermelho, talvez seja um caso do que em fisiologia se chama "migração dos neurônios", cujo quadro clássico é o da moça que, de olhos fechados, identificava as cores pelo tato.

E nisto de neurônios, que é coisa meio misteriosa, convém lembrar que uma das mais espantosas descobertas dos astronautas foi a existência de cores absolutamente novas, que andaram vendo lá em cima (ou lá em baixo), no cosmos. São cores que não pertencem ao espectro comum, e o azul, como se sabe, fica entre o verde e o violeta, com um comprimento de onda de 467 milímetros. Cores que só são visíveis depois de passado o Cinturão de Van Allen, muito abaixo do de Orion, onde há uma estrela azul...